

NOSSAS DISSERTAÇÕES, UM MINI JARDIM EM NÓS

BERENICE KNUTH BAILFUS¹; DHARA FERNANDA NUNES CARRARA²;
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO³

¹Universidade Federal de Pelotas – bere.bailfus@gmail.com¹

²Universidade Federal de Pelotas – dharafernanda.piraju@gmail.com²

³Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma combinação realizada a partir do recorte de duas pesquisas em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, as quais contemplam as linhas de pesquisa: Educação em Artes e Processos de Formação Estética e Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, vinculadas ao PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq). Como meio de estabelecer um diálogo entre as pesquisadoras, surgiu a ideia de falar sobre o desabrochar enquanto artistas, pesquisadoras e sujeitos pertencentes ao mundo contemporâneo. Para isso, problematizamos situações particulares (retiradas das dissertações em andamento) enquanto experiências que consideramos como sendo os pontos principais para/da nossa formação enquanto mulheres-jardins em elaboração.

Abordamos no texto as nossas poéticas e práticas constituídas no decorrer do Mestrado. Consideramos importante destacar que as respectivas pesquisas criam de forma fluída pontos de interconexão, propondo conversas que se entrelaçam, se soltam e se alinham no transcurso da escrita. Pontuamos as ênfases dos nossos jardins individuais, na tentativa de explicitar a potência de cada pesquisa. O título “Nossas dissertações, um Mini Jardim em nós” surgiu da ideia de que cada uma de nós, enquanto nos fortalecemos como pesquisadoras, vamos criando de modo poético pequenos “jardins” em nós mesmos. Cada atividade, cada trabalho, cada ação vai nos formando e permitindo o desabrochar das experiências, um cultivo saudável de conhecimento e o emergir de surpresas inesperadas, assim como ocorre no desenvolvimento de um jardim. Existe vida em uma pesquisa de dissertação, existe dedicação e tempo, rega e nutrição, assim como no cultivo de plantas.

Em direção ao cultivo desses pequenos “jardins” de conhecimentos, contamos com referências que impulsionam a escrita, tornando-a resistente, nutrindo e dando embasamento a ela. Contamos com um rol de autores, dentre eles, Byung-Chul Han (2016), com a biografia “O Aroma do tempo”, na qual o autor fala da arte da demora, percorrendo sobre o tempo em que vivemos hoje. Essa biografia é relacionada com as práticas do Projeto Mini Jardim, proposto e realizado no Centro de Artes da UFPEL, parte integrante da pesquisa de uma das autoras. Han nos ajuda a pensar sobre o nosso tempo, que é corrido, acelerado, e que visa o lucro, ditando as regras do nosso cotidiano.

¹ Bolsista parcial Capes/CNPq. Vigência da bolsa: abril de 2020 a junho de 2021.

² Bolsista parcial Estratégias Institucionais da PRPPGI/UFPEL. Vigência da bolsa: outubro de 2020 a outubro de 2021.

Por meio desta escrita, refletimos sobre a potência do demorar-se relacionado ao fazer algo, como a criação de uma peça em argila que resultará futuramente em um pequeno jardim. Este processo exige tempo, dedicação e (muita) paciência. E, acima de tudo, a partir desse fazer e do resultado, consegue-se devolver o perfume ao tempo, já que estamos seguindo o processo lentamente, desfrutando-o.

Outro aporte teórico que assessora a escrita é Richard Louv (2014), com a obra “Princípio de Natureza”. Esta referência também é relevante para a escrita, pelo fato de destacar que não poderemos falar de cultivo e cuidado de plantas sem mencionar a importância do contato com o meio natural.

A outra pesquisa que embasa o texto, contribui através de conceitos que envolvem a potência de transformação que as obras de arte têm em contato com os sujeitos, bem como as produzidas no Mini Jardim, podendo disparar mudanças no âmbito social. Acerca disso, abordamos o conceito de (micro)política, desenvolvido por Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), e o de imaginário, a partir de Gilbert Durand (2002).

De forma a vincular os recortes das dissertações e todos os conceitos aqui apresentados, potencializando e criando uma base única de diálogo, utilizamos de um último conceito, o de ecosofia, empregado por Guattari (2011), o qual compõe o referencial de ambas pesquisas e corrobora com a rede de conexões propostas neste trabalho.

2. METODOLOGIA

Ambas as pesquisas se encontram em andamento e se ancoram em ideias fundamentais das autoras, que, embora impulsionadas por temas disparadores diferentes, tendem a chegar a um mesmo ponto, a arte enquanto propositora de mudanças subjetiva e social. O foco é estimularmos a ampliação de uma consciência ecosófica (que relaciona todas ecologias propostas por Guattari (2011): ambiental, mental e social), isto é, propondo o desenvolvimento de uma consciência coletiva e conectada consigo, com os outros e com o meio habitado.

Uma das dissertações, visa os cuidados com o meio ambiente por meio da educação em Artes Visuais, e com isso, se desdobra sobre o olhar atento sobre a situação precária do planeta Terra, abordando o Projeto de Extensão “Simultaneidades Afetivas em oficinas Cerâmicas: Compartilhando Saberes na Construção de um Ambiente Educativo” (Mini Jardim), que em suas práticas semanais desenvolve oficinas e atividades que permeiam os cuidados com o meio ambiente. Também aborda memórias e práticas educativas.

A outra, por sua vez, busca propor uma renovação de imaginário mais inclusiva a partir de obras visuais que instiguem questões identitárias sobre a diversidade, trazendo como foco o próprio corpo gordo, gênero feminino e a sexualidade lésbica. O intuito é que, a partir da pesquisa, da escrita e das práticas artísticas, possa desenvolver/estimular um novo olhar para nosso contexto histórico-contemporâneo, a fim de convidar todos, mas de forma especial aqueles que não fazem parte do padrão ideal de identidade como mulheres, gordas e sujeitos LGBTQIA+, a se libertar das “gaiolas” que nos “prendem” a normas excludentes, socialmente impostas.

O ato de libertar proposto em uma pesquisa se relaciona com o do desabrochar proposto na outra, é como se cada obra visual fosse uma flor, plantada, regada, cuidada, a qual liberta de tudo que a envolve para então desabrochar no mundo, talvez até mesmo influenciando outras flores ao mesmo exercício. Esse libertar é se desprender de amarras sociais e morais criadas por

um imaginário retrógrado, machista, racista, elitista e homofóbico, pautado no lucro e consumo. É não mais estar presa na configuração do sistema social, mas atuando em liberdade para que mais pessoas se libertem, em outras palavras, é chamar as abelhas e as borboletas para a polinização.

No momento em que as obras visuais assumem esse caráter político, ativista, atuam enquanto obras também (micro)políticas, ou seja, atuam enquanto potência de transformação, proporcionando percepções ampliadas e ponderações sobre o visto, seja sobre a natureza ou sujeito. Essas percepções ampliadas dizem respeito a uma renovação de imaginário.

O imaginário pode ser compreendido como a bacia semântica onde repousam as imagens primeiras (DURAND, 2002), em outras palavras, o imaginário alimenta as concepções e ações da sociedade, assim como, o social alimenta e cria o imaginário, é o atravessamento de ideias e imagens que considera todo o nosso trajeto antropológico e influencia os sujeitos, principalmente a partir dos simbolismos presentes nas imagens, inclusive, aqueles imersos e emersos nas obras visuais produzidas.

Partindo das produções artísticas produzidas pelas autoras e pelo viés ecosófico (GUATTARI, 2011), analisamos os trabalhos visuais nos seus respectivos e diferentes temas (ambiental e social) enquanto elementos propulsores de reflexão sobre a nossa (falta de) educação relacional, isto é, o entendimento do mundo enquanto organismo vivo conectado, onde parte reflete o todo e o todo é composto pelas partes. Trata-se, portanto, de entender que o ambiente é resultado de uma ação social e que, por sua vez, o social é consequência de um conjunto de sujeitos. Portanto, imaginários subjetivos criam imaginários sociais (pensamentos coletivos), que influenciam em ações normalizadas e banalizadas, as quais interferem diretamente no meio ambiente.

Assim sendo, se consideramos a realidade contemporânea pautada ainda em valores excludentes e destrutivos, para mudar, é necessário renovar esses valores, ou ainda (des)construir imaginários. Para isso, utilizamos das Artes Visuais, de imagens, de produções contemporâneas para instigar essa mudança, desenvolvendo uma articulação ético-estética. Articulação/costura essa, que buscamos como método para pensar sobre as aproximações entre as duas pesquisas, entendendo-as como reverberações das práticas coletivas de pesquisa desenvolvidas no PhotoGraphein.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas já apresentaram resultados diretos desta mudança de realidade através da mediação das Artes Visuais na transformação de imaginários. Os Mini Jardins (peças produzidas no projeto Mini Jardim), tanto em seu processo de produção (individual e coletivo), bem como na exposição coletiva, despertam reflexão e transformação de atitude, como por exemplo, estimulando outras pessoas a também criarem seus jardins, desenvolverem uma consciência ambiental, independentemente de onde residam, e reflexão crítica acerca do consumo exacerbado, possibilitando maior contato com a natureza, além do sintoma mais frequente, a criando de uma relação ampliada com o meio, produzindo bem-estar e equilíbrio.

Da mesma maneira, promover espaços de visibilidade para identidades socialmente negadas é propor reflexão sobre diversidade, sobre sujeitos e sobre preconceitos, podendo dessa maneira, quebrar paradigmas para que consigamos promover imaginários subjetivos pautados pela alteridade, produzindo uma nova

atitude, não de “tolerância” como muitos propõe, mas de respeito. De forma que, quando os sujeitos conseguem olhar para si mesmos, se aceitando, se amando, estão se relacionando subjetivamente com seu imaginário através dos simbolismos manifestados pelas imagens, então livres das amarras sociais.

Portanto, o resultado aqui apresentado se refere a um conjunto significativo de sujeitos livres e lutando por liberdade, acenando para uma renovação da produção de ideais/imaginários coletivos, provocando uma transformação direta na vida em sociedade. E se a social presa por respeito, o ambiente reflete vida. Essa mudança do subjetivo concretizada pode ser colocada a partir de *feedbacks* e relatos recebidos sobre obras que abordaram corpo (gordo), gênero e sexualidade da artista, e que resultaram em um processo de aceitação de si dos espectadores.

4. CONCLUSÕES

São essas transformações no imaginário, originadas pela reflexão e contato com e através de obras visuais, que identificamos como objetos-ações (micro)políticos, propositores de mudança subjetiva, social e ambiental. É de acordo com este aspecto formador e disseminador que metaforicamente relacionamos nós, sujeitos enquanto um Mini Jardim. Também precisamos nutrir nossos imaginários, enraizar respeito em nossa sociedade, ramificar ecosoficamente, criando relações conosco, com os outros e com o meio. E mais do que sermos Mini Jardins, precisamos atuar como eles, propondo novos Mini Jardins, novas atitudes, renovando os ares e valores, e assim polinizando um novo/diferente futuro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

_____; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

HAN, Byung-Chul. **O Aroma do Tempo – Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora**. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2016.

LOUV, Richard. **O princípio da natureza: reconectando ao meio ambiente na era digital**. São Paulo: Cultrix, 2014.